

A “Grande família” da televisão.

Vaclav Havel

Extraído de *Writing on the wall* (antologia) de Peter Kussi, Antonin Liehm e Karz-Cohl. Publishing incorporated, NY, 1983. Traduzido por Stella Senra em 1991.

Tradução de Stella Senra

Com certeza vocês já observaram que a intimidade da televisão suscita nas pessoas uma espécie de confiança, e como que sentimentos pessoais em relação a todos os que vemos na tela. Apesar de nós mesmos, aqueles que vemos na televisão são percebidos como membros naturais do círculo familiar. Esta tolerância ilimitada do natural doméstico cria a ilusão de que eles são, de fato, velhos companheiros. As pessoas chamam pelo primeiro nome cantores populares como Vaclav Neckar, Waldemar Matuska ou Jan Hamr, como se os conhecessem intimamente, e se os encontram na rua, sua tendência natural é tratá-los por tu. E não apenas isto: os telespectadores começam a pensar, erradamente, que eles têm algo a dizer a respeito de tudo o que se passa na tela, que eles têm o direito de exprimir sua opinião, por exemplo, no que diz respeito ao comportamento de um cantor na televisão como se ele fosse um membro da família.

A perversidade desta relação familiar com tudo o que aparece na televisão só pode ser plenamente entendida se levarmos em conta a natureza de massa da televisão. O fato

de que pop-stars não sejam apenas nossos companheiros íntimos, mas os companheiros íntimos do vizinho, do patrão, do professor, do dono da mercearia, na verdade de todo mundo em torno, ou, em outras palavras, de milhares de concidadãos não constitua um tema de reflexão – é isto que é estranho: ao contrário, é exaltante. É como se nós ficássemos orgulhosos desta participação numa vasta comunidade, e que o fato de podermos, não importa nem onde nem como – na mercearia, no armazém, no cabeleireiro – encetar uma conversa informada a respeito da experiência íntima da noite da véspera, reforçasse provavelmente o sentimento feliz de não estarmos sós e sem recurso, de sempre podermos nos apoiar sobre a poderosa experiência coletiva de nosso meio.

Atores e cantores da televisão, com efeito, em virtude de sua presença íntima em todas as nossas famílias, estão criando uma espécie de família única, gigantesca, nas dimensões da nação, uma espécie particular de fraternidade monstruosa, ligada pela experiência de noites idênticas, e por uma relação identicamente advertida com aqueles que nos oferecem esta experiência.

É claro que muitos programas de televisão são explicitamente baseados nisso. Eles jogam com isto, encorajam esta situação de todas as maneiras possíveis. E é

precisamente deste modo que contribuem para o processo complexo de embrutecimento das pessoas. Ao transformar a vida privada do espectador, seus sentimentos, numa experiência de massa uniforme e unificada, a televisão o priva de sua individualidade e substitui sua consciência de si (como consciência de ser absolutamente única e de ser uma potencialidade verdadeira) pela idéia pseudo-democrática de que nós somos mutuamente intercambiáveis, que pertencemos todos a uma família naturalmente boa, razoável, e inteiramente “normal”, cujos membros são iguais, têm todos os mesmos direitos, têm todos algo a dizer a respeito de tudo. Assim a televisão produz uma nova maneira de viver: o rebanho televisual, uma massa de pessoas orgulhosas de sua filiação ao bando, e incapazes de perceber o papel verdadeiro que estão desempenhando nisto.

Nada melhor para disfarçar as desigualdades do dia que a ilusão cotidiana de igualdade e de fraternidade fornecida pela televisão, assim como nada poderia servir melhor aos interesses dos pastores como instrumento de manipulação.

Se a televisão entra com uma tal falta de respeito nas nossas cozinhas, com tão pouco respeito pela sua atmosfera, não é surpreendente que um número cada vez maior de

cozinhas faça sua aparição na televisão. Ao apelar para a banalidade de nossas vidas, a televisão por sua vez contribui para recriar esta banalidade. Este processo circular de embrutecimento deve cedo ou tarde desembocar inevitavelmente no desejo de nos conduzirmos para a imagem de nossas cozinhas.